



Nuno Costa Santos

A importância do lugar

O tema é cada vez mais falado porque, após a euforia global, começou a haver um benéfico movimento de regresso aos lugares. Às comunidades. À rua. À vizinhança. Ao comércio tradicional. À conversa de esquina. Ao pequeno gesto. Ao incentivo do pequeno negócio. À doméstica agricultura. À atenção aos vulneráveis das redondezas. Ao respeito pela sabedoria dos sítios. À abertura aos que chegam. À valorização dos falares, das expressões ancestrais, de tiques de diálogo. À abertura a cruzamentos verbais crioulos.

Escrevo há muito, há vinte anos, sobre a necessidade de atender – como preocupação primeira, como gesto – à pequena unidade geográfica. Ao bairro. Como chão e como metáfora.

Senti ao longo do tempo, da parte de quem me lê e ouve, um misto entre alguma curiosidade por essa atenção e um ocasional olhar compassivo sobre um gesto considerado ingénuo por uma visão “adulta”, calejada pelas brutalidades do noticiário e pelos piores rumores da vizinhança, construída à base de cepticismo e até de cinismo.

Em feliz hora, encontrei nas artes, por exemplo, em realizadores, como o finlandês Aki Kaurismäki (que vive uma boa parte do ano em Portugal, perto de Guimarães, e foi o autor de um dos filmes realizados na cidade durante o ano Guimarães – Cidade Europeia da Cultura), essa mesma atenção à ideia de bairro e às suas possibilidades e bondades.

O escritor norueguês Karl Ove Knausgård, autor de um grandioso projecto literário, afirma num documentário, sem hesitar: nada é global, tudo é local. Quem diz bairro diz freguesia.

O cínico encontra na realidade motivos para a desilusão, mas prefiro, de forma consciente, não perseguir essa lucidez e aspirar à meta da valorização da proximidade. Acredito.

A realidade não é nem uma frase de auto-ajuda nem uma sentença de anti-ajuda.

Posso dizer que estou, de certo modo, feliz.

Nunca, como agora, ouvi nomear o bairro como ideal. Leio a sinopse do novo livro de Noreena Hertz, uma “das principais pensadoras globais” pelo semanário *The Observer*, sobre o regresso à vida depois do pesadelo Covid, e encontro a palavra bairro.

Conta-se que esse livro – já o mandei vir, através da livraria angrense Infólio (uma livraria independente, deste sítio, a merecer todas as visitas) – nos dá um retrato desassombrado mas otimista do mundo solitário que construímos e “mostra-nos como a pandemia de Covid-19 acelerou o problema da solidão e o que precisamos de fazer para nos religarmos”.

Como é que nos podemos religar, segundo a autora?

Através de, entre outros movimentos, modelos inovadores de residência urbana e novas formas de revigorarmos os nossos bairros e conciliarmos as nossas diferenças.

Há um tempo soube de uma iniciativa ocorrida em Ponta Delgada, levada a cabo por um conjunto de moradores do Paim, de constituição de uma comunidade de vizinhança.

A formação dessa comunidade é uma manifestação (simples, essencial) de vanguarda (por aqui), sem o querer ser.

Vem no sentido de um movimento filosófico necessário e já realizado pelas gentes dos bairros mais atentos do mundo.

Um dos gestos desse grupo incluiu a criação de um jornal digital.

Se procuramos na net, encontraremos sinais deste tipo de movimento.

Espreite-se, por exemplo, o jornal *Mensagem de Lisboa*, publicação recém-criada.

Diz ao que vem: “A nossa causa é Lisboa, e esse é o jornalismo que encontrará aqui. Vamos contar o que nos orgulha mas também como queremos ser para uma melhor cidade”.

Ao visitarmos a publicação deparamo-nos com peças jornalísticas sobre os vários bairros lisboetas, sobre as especificidades dos microcosmos. Luzes e questões – e as formas como estão a ser resolvidas.

Sim, os jornais digitais das comunidades delimitadas têm esse fito de informar e contribuir para uma sociedade melhor.

Não os interessa intoxicar, como acontece com muitos dos clássicos

órgãos de Comunicação Social.

Na rede também mora o facebook journalism project, que trabalha com os editores para reforçar a conexão entre os jornalistas e as comunidades que servem.

Na página também são incentivadas práticas recorrentes nestes dias de mentira como a do fact-checking. Fundamentais..

Voltando ao bom exemplo da comunidade de vizinhança do Paim.

Ouçamos quem a constitui. Diz, numa peça da RTP Açores, Teresa Tomé, moradora e colaboradora da publicação: “Nós éramos muito dispersos, éramos apenas uma geografia. Nós queremos ser uma comunidade humana, a contribuir de uma forma muito activa”. O sentido de contribuição rima com a vontade de aumentar a auto-estima. As conquistas destes vizinhos são consagradas. O que melhora, lembra Teresa Tomé, a própria saúde de cada um.

Tenho falado disso. Nos Açores sente-se cada vez mais que o local e o universal convivem sem complexos. Nas artes, noutras profissões. Nomeio o departamento artístico.

Em tempos de enaltecimento do cosmopolitismo (palavra irritante), não isola a designação de artista açoriano. Digo de mim. Fui aprendendo com o tempo. Assumo a relação entre a etiqueta de escritor e a minha terra. Não tenho medo do local, do regional, da ligação entre a escrita e um chão concreto. Com mesas do Espírito Santo e intuítos de arriscar e experimentar.

Nunca entendi o arquipélago como um lugar fechado. Cresci com música, e depois livros, mandados vir com frequência.

Hoje há uma extraordinária loja de discos em Ponta Delgada – que felicidade isso me dá. Caseira e com critério – tal como a Infólio, sim.

Ah, dentro da ilha de São Miguel digo-me, com orgulho, do Livramento. Como um bom amigo se diz de Santa Rita. Como agora me digo do Corpo Santo. Há vícios que seria tolo abandonar.

Os Açores que piso e quero pisar são, também, o do regresso dos artistas – e tenho contactado com muitos na iniciativa Laboratórios de Imaginação Partilhada, inserida na caminhada do Azores 2027, destinada ao objectivo de levar Ponta Delgada/Açores a Capital Europeia da Cultura e de valorizar a cultura em todo o território açoriano.

De aproximar criativos que não se conheciam.

Tantos estão a regressar e querem fazer e captar novos públicos.

Descomplicar, junto de quem se acha distante de determinadas artes.

Nas cidades e nas freguesias rurais.

